

1.º ANNO

A Bohemia

1896

DIRECTOR JOSÉ PIZA

JUNHO-N.º 3



A Bohemia

Quinzenario illustrado e litterario

Propriedade de uma associação anonyma

Direcção artistica de Victor Steidel

Assignaturas:

Serie de 24 numeros	24\$000
" " 12 "	12\$000

"A Bohemia" apparecerá nos dias 1 e 15 de cada mez.

Toda correspondencia deve ser dirigida á Rua 15 de Novembro, 59, 2.º andar.



"A Bohemia" declara que não tem recebido, bem como não recebe remuneração de especie alguma com referencia ás illustrações que publica.



ARTES E ARTISTAS

Benedicto Calixto

Nasceu a 14 de Outubro do anno de 1853, na villa da Conceição de Itanhaém. E' filho de João Pedro de Jesus e d. Anna Gertrudes de Jesus.

E' casado com d. Antonia L. de Jesus.

Cedo revellou o seu talento artistico.

Em 1882 foi chamado pelo dr. Garcia Redondo para pintar o tecto do Theatro Guarany da cidade de Santos. Esse trabalho foi realisado a contento geral e fez com que o benemerito santista, o exm. sr. Visconde de Vergueiro, que nessa occasião estava no estrangeiro, convidasse o jovem artista para ir a Europa aperfeiçoar os seus estudos sobre pintura, o que foi accedido por Calixto. O apêgo que o inspirado artista tem pela familia não lhe permittiu longa ausencia dos seus. Calixto deixára sua familia no torrão natal e, por isso, regressou dous annos depois da sua partida.

Aqui chegado, deu começo á sua prodigiosa actividade, e, pobre, como era, precisava cuidar sem descanso da sua familia, á qual é em extremo devotado.

Circumstancia notavel: a despeito das difficuldades do meio, sempre tirou exclusivamente da arte os recursos de que necessitou para abrigar convenientemente sua, aliás, numerosa familia.

Calixto não se fatiga. Trabalha quotidianamente. Raro o santista de gosto que não tenha um quadro do apreciado pintor . . São seus principaes trabalhos:

«Longe do Lar» que figura na esplendida galeria artistica do Visconde de Vergueiro, no Rio de Janeiro;

«Errou» do sr. Octavio Prates;

«Revoadas de Maio» do snr. A. G. de Freitas (reproduzido no jornal de artes «O Pantheon»);

«Panoramas de Santos» e Porto de Santos;

«Vistas de Santos» pertencentes ao Dr. Victor;

«O Guarujá» pertencente á Companhia Balnearia

de Santo Amaro; «O Voto» do Banco União de S. Paulo;

«Panorama do Braz» ao Governo do Estado;

«Cascata do Jacaré» a Salles Pupo;

«O Jesuita» (quadro de genero) e «O Divino» quadro de costumes.

Actualmente está trabalhando em um quadro historico — Desembarque de Martim Affonso em S. Vicente.

Calixto é enfim um laborioso e consciencioso artista. Têm-lhe dado grande apreço as suas marinhas, genero em que é de uma fidelidade extraordinaria.

Não se distingue exclusivamente pelos dotes de verdadeiro artista.

Ainda agora tem no prélo um livro de raras pesquisas historicas sobre a villa em que nasceu. Esse trabalho foi em parte publicado em folhetim no *Diario de Santos*.

E', além disso, um bom amigo, pois possui um coração generoso sempre disposto á pratica do bem.

Eis os ligeiros traços que estas columnas permitem dar do intelligente pintor paulista.



Dona Esther

XIX

(INEDITO)

[Poema mystico]

Vae, Dona Esther, arrosta as procellas hediondas
Desse revoltado mar que se lastima e brada.
(Guia-e-a, Brizas da noite, e vós, Estrellas, rondas
Vigilantes da Lua, — essa bruxa encantada.)

Se correr pelo mar um tropel de rajada,
Não tenhas medo, Dona Esther, e não te escondas:
Basta tenhas de cor essa oração sagrada
Dos pobres que, alta noite, andam por sobre as ondas . . .

Vae; o mar a teus pés ha-de ficar sereno;
Ondas te hão-de levar numa viagem risonha;
Galernos ventos cantarão, ao teu aceno.

Dá-me o teu beijo enfim, para que, na enfadonha
Vida, eu tenha na bocca esse contra-veneno
Para as caricias da Mulher, que têm peçonha.

Julio Cesar da Silva.

AUTHENTICO

O Dr. José Gonçalves, grande influencia eleitoral em Villa-Nova da Rainha (Bahia), teve, no tempo de monarchia, que *fazer* um juiz de paz. Apresentavam-se dous candidatos, seus amigos, cada qual mais empenhado em obter o lugar.

Embaraçado pela escolha, não querendo desgostar a nenhum delles, diz o Dr. Gonçalves:

— Pois bem vamos a um pequeno concurso: aquelle de vocês que escrever certo o despacho — «cite-se» terá o meu appoio. Um delles escreveu: — *sit-se*.

Está errado, exclama o Dr. Gonçalves, não é com s

O outro candidato immediatamente pegou triumfante na penna e escreveu: *cite-se*.

A eleição foi adiada.

* * *



Chronica

— DE —

José do Fim

Conhecem um livro de George Docquois — *Bête et gens de lettres?*

Pois eu lhes conto em duas phrases o seu assumpto.

O espirituoso escriptor francez, que li ha algum tempo, encerra num volume os pontos de contacto entre os animaes e os homens de letras. Ha tantos e tão variados que eu nem me atrevo a prometter resumil-os neste ligeiro escripto.

O assumpto porem é de real interesse e o proprio mestre do realismo — Emilio Zola — escrevia: — que sympathia immensa occupa a animalidade na historia da vida!

Se me não engano essa phrase é mesmo o que abre o volume de que me occupo.

Docquois andou a ouvir a parte intima da vida de cada escriptor, com referencia aos animaes, e então colligiu documentos e impressões interessantissimos.

De um, conta elle, que possuia um gato fazendo perfeita distincção de um dia a outro da semana.

Uma pessoa visitava esse homem de letras ás quartas e sabbados e o gato ia esperal-a á porta da rua, exactamente nesses dias, apesar de não distar o mesmo numero de dias de quarta a sabbado que de sabbado á quarta.

Esse mesmo gato notava que o seu patrão fazia *magro* ás sextas-feiras e então na quinta tinha a cautella de guardar o seu *beef* enterrado, para não se sujeitar ao bacalhau no dia seguinte.

François Copée tinha um gato tão finamente amoroso que elle o chamava Bourget.

Não vai nisso, dizia, a menor offensa ao author do *Cruel Enigme*; ao contrario Copée chamando meu Bourget — parecia dedicar-lhe affectuosa es — ao gato e ao litterato.

Bourget viveu numa vida regalada de gato familiar, chegando a ser o Chevreuil da especie, e o classificava o seu proprio donno.

Tudo isso, perguntará o leitor, de que serve saber?

— De muito, de muitissimo.

Pretendemos provar que os animaes nos merecem especial attenção e mesmo certo carinho superior a muitos homens ou mulheres.

Quem possui mais sinceridade do que elles?

O gato, alem da arranhadél-la ou da dentada nada mais conhece como systema de vingança.

O homem, não senhor; é um ente perverso, que premedita, realiza e saboreia o mal que faz.

E' sabida a historia da fabula do leão reconhecido, por lhe terem tirado um espinho do pé.

Entretanto, pergunto — qual o homem reconhecido ao seu calista? Quando andam por ali todo elegancias, e com o pé afinado e mettido em bota apertada; falle-lhe em cálos (os do pé, ~~para ver si~~ elle não responde immediatamente que isso é somente proprio de gente que não se calça bem.

Quero só vêr o procedimento dos bezerros diante da gentileza extrema da camara municipal com as vaccas. Não aconselho manifestação, porque eu sei que esse systema de agradecimento comquanto engrosse bastante, já não está no programma da galanteria.

E' incontestavel que o commercio lacteo dá rendimento e não pequeno; porque então não cercar de todo conforto a teta que alimenta esse commercio?

Bem fazem os industriaes hollandezes, como disse um jornalista, que deitam cortinas ás janellas dos commodos das vaccas.

Os proprios bois, cujos olhos ternos e delicados labios vivem a gottejar lagrimas e saliva, não podem ser indifferentes a essa attenção.

Na Hollanda as cangas que esses ruminantes do progresso trazem sobre o pescoço são acolhoadas e forradas de setim para não parecer que se lhes quer impôr um pesado guante ás suas aspirações.

No regulamento municipal ha uma omissão que não póde passar desapercibida.

Nos vinte e tantos artigos ali inscriptos não vi um só prohibindo o feroz vaqueiro de amarrar o bezerro á cauda de sua mãe.

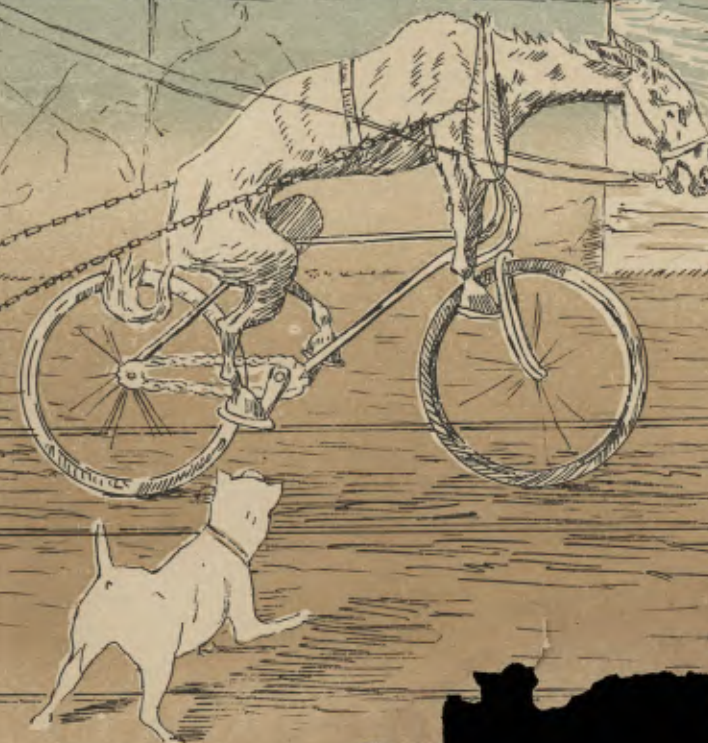
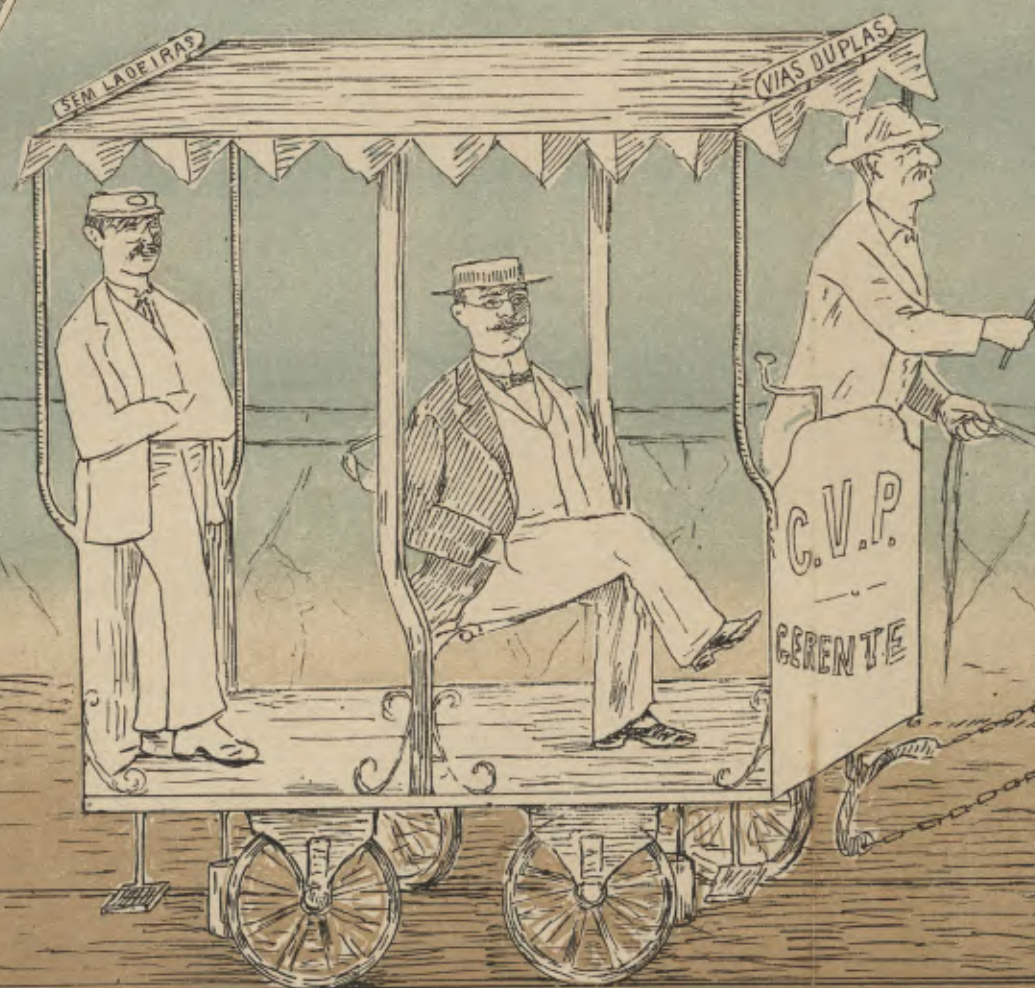
Pois ha paiz civilisado que supporte tal ignominia?

E' sabido que as vaccas utilisam-se de seu modesto rabo para enxotar as moscas que indiscretamente lhe poisam aqui e acolá; como pois forçar o pobre animal a supportar as coegas dos insectos, por ter a cauda atada ao pescoço do proximo?

Ha nisso visivelmente uma humilhação á vacca e ao bezerro; a este porque vê cercada a liberdade de sua mãe, áquella porque vê que lhe fazem do filho gato morto contra ella.

A camara, como Docquois, lança vistas bondosas para os animaes e nós só temos a applaudir tão gea attitudde principalmente na qualidade de membra Protectora.

Vi só o que encontrei no meu canhenho pelo ponto aqui.



Deante da impossibilidad
as patas traseiras, cons

ar cobres para a tracção electrica, vae elle adoptar a tracção
50% de força, milho e capim!...

burros só trabalharão com

Conto de João Buso

AS CEREJEIRAS

a Domingos do Nascimento

Lá vae o bom abbade, choutando na sua velha *Joia*, caminho de Valle de Amores.

Para Valle de Amores, toma-se á esquerda do adro direito ao rio, depois na primeira encruzilhada, onde ha umas almas, corta-se por um longo piso entre fasendas de amanho, ladeado de oliveiras. Não tem que errar. Passando a quinta da Bouça (mesmo da aldeia se lhe enxerga a casa de moradia e um boccaldo de vinha) é uma esplanada, relva e castanheiros, e ao fim — os casebres de Valle de Amores.

A casa da senhora viscondessa — casa? palacio se me fazem o favor! — differença-se de longe, grande, seus ares de ruína na cal velha, mas alegre, com uma das paredes toda vestida de trepadeiras em flor.

Estavamos em maio. O campo cobria-se de malmequeres, de papoulas, de não-me-esqueças; nas ribanceiras destacava vivamente o amarello forte das giestas; e era o tempo da passarada começar os ninhos, n'uma festa de cantigas repenicadas, e das cerejeiras vergarem os ramos sob o peso rico da fructa.

O bom abbade retardava o chouto pesado da egua, encantado com o campo, no goso d'aquelle lindo meio-dia primaveral. A *Joia* metterá a passo; e o velho cavalleiro, sem pressa, embora com um jantar de anniversario á espera lá em Valle de Amores, largara as redeas, pitadeava-se regaladamente, olhando as arvores.

A senhora viscondessa entrava esse dia na casa dos setenta. Rica, muito esmoler e amiga da pobreza, de boas maneiras para todo o mundo, não havia quem lhe não abençoasse o nome fidalgo. Extremamente devota, a senhora viscondessa; toda a sua casa e o mais que ella encerrava tinha um cheirozinho a egreja, de consolar. A riqueza de seu oratorio, tudo ouro e sedas, era fallada por longes leguas em redor. Isso gabavam-lhe a virtude! Não faltava mesmo quem a achasse meio santa.

Imaginem lá então a somma de visinhança que accudira a Valle de Amores, a trazer-lhe os cumprimentos. Na sala já não cabia mais gente, a pobre senhora andava n'uma roda viva para attender a todos. Das pessoas assim graúdas, só faltava o abbade.

Mas o abbade lá vinha, na velha *Joia*, que, graças á distração do dono, mal se mechia, estendendo vastas vezes o pescocó para abocanhar a relva, tasquinando com tão indifferente pachorra como se andasse a pastar em vez de ir conduzindo um pádre a um jantar de annos em casa rica.

Ao chegar á Bouça, o abbade avistou a filha do quinteiro, que andava ás cerejas. Rapariga de truz! Ella, entretida, cantando um fado alegre, não ouvira as pisadas vagarosas da egua. E o velho que lhe ia passar mesmo por baixo do ramo!

Bem lhe custava decerto ir adeante sem dar ao menos as boas tardes; mas, com um escrupulo tremendo de olhar para cima, baixou mais a cabeça sobre a crina da *Joia*. Quando porem, a sombra da grande cerejeira o cobriu, ou por acaso ou porque elle puchasse insensivelmente a redea, a egua parou, atolando o focinho n'uma moita viçosa. N'esse momento, a voz clara, sadia, virginal da rapariga cantava:

Dizem que isto de cantigas
mentem sempre... Eu cá não sei;
estas cantigas que eu canto
são verdadeiras de lei.

Como que uma mão endiabrada e galhofeira se agarra ao queixo do abbade, querendo erguer-lh'o á força. Ora o disparate! Não que ás vezes a gente lembra-se de cada uma... Sume-te! E alargou as pernas para fustigar com os calcanhares a egua preguiçosa. Mas, sem força deteve-se. A *Joia* pastava cynicamente. E uma tentação cocegava e aquecia o sangue velho do bom abbade. Que a rapariga era de truz! E aquillo sempre havia de ser senhora de uma perna...

Ella continuava a cantar:

Hei de cortar os cabellos
na noite de S. João,
e dal-os ao meu Manoel
p'ra cordas de violão.

Ai, Deus nos valha! De repente n' ergueu a cabeça... E olhou, e viu.

Era uma perna, não muito grossa, e não; muito delicada também não; mas com

carne moça... E então bem feita que parecia de estatua. Só se enxergava o boccaldo até o joelho, mas que riqueza de boccaldo! Os olhos do abbade luziam, banhados n'um goso tonto, quasi pueril. Machinalmente, puchara do bolso a caixa de rapé; e, sem desviar a vista d'aquelles encantos, sorveu a mais longa, a mais deliciosa pitada da sua vida.

A cachopa cantava sempre:

O violão do Manoel
é um coração, nada mais;
por isso é que quando toca
só dá suspiros e ais.

E, tendo depinicado todo um cacho de cerejas, ia mudar de ramo. Então o velho, receioso de ser percebido na sua horrenda curiosidade, atirou furiosamente os calcanhares á barriga da *Joia*, que, estranhando o castigo, metten logo a trote, desengonçada e tropega.

Pois até Valle de Amores, o bom abbade não deixou de ver a formosa perna, rosada e d'uma estrutura per'eita, entre as saias. Via-a distinctamente crescer e engrossar, os seus dedos percorriam-lhe a pelle arripiada por um ligeiro fremito sensual.

E debalde pretendia espantar para longe a luminosa imagem. Que homem! pensava. Um velho ferrugento, impresentavel. Ha quantos annos os seus sentidos não acordavam para o peccado!

Ha quantos? Em rapaz, durante as ferias do Seminario, ainda se desmandava ás vezes, arrastado pelos impulsos desvairados e ardentes do sangue novo. Mas, tomando ordens, encerrara todos os pensamentos na adoração divina, longe do mundo e das suas tentações. Depois, com o tempo, esquecera-se. Tudo vae do costume. Agora, as suas companheiras de perdição já para lá estavam, lá para d'onde se não volta; e os desvarios da mocidade, se os enxergava ainda, era a muitos annos de distancia, vagos como sombra, quasi imperceptiveis...

Alcançando finalmente Valle de Amores, a *Joia* pareceu ganhar dobrada força. Toda se enfeitava, a pileca, que nem animal de estimação, fogoso e de fina raça. Fez uma entrada bizarra no pateo da senhora viscondessa, e, alijada a carga, atirou aos ares um nitrido vibrante e glorioso. Veiu tulo ás janellas. Mas já o abbade trepava a escadaria de pedra, longa e sombria, com os degraus cavados no meio pelo uso secular.

Em cima, «muito boas vindas ao senhor abbade,» e «suas benções,» e logo reprehensões doces pela demora — que realmente havia sido demais, concordava elle, pedindo mil desculpas. Mas tudo acabou em riso. Queriam saber por onde se tinha gasto até semelhantes horas. Passavam já trez quartos do meio dia! Entretido pelo campo com as lavradeiras, hein? Elle, meio atrapalhado, sorria, gaguejava. E, sem razão alguma tinha córado, o velho...

Mas um forte morgado, parente longe da senhora viscondessa, que não podia mais disfarçar a fome, dominou a troça, com o vozeirão solemne:

— Excellentissima prima, creio que estamos todos. E se a canjasinha ha de esfriar...

A senhora viscondessa ergueu-se da velha cadeira de espaldar, e foi atraz d'ella um magote de gente, onde trez casacas antigas destacavam no seu talhe pittoresco, com as abas esguias, com o debrum amarellado pelo tempo.

Comeu-se á tripa forra. A's primeiras iguarias, ninguém fallava, cada qual recolhido ao seu prato e esbugalhando o olho para o seguinte. Foi lá pelas alturas do perú recheado e da vacca em arroz de forno que soltaram as primeiras phrases d'uma palestra banal sobre lavoura e decimas. Mas logo as compotas de doce foram descobertas, desarrolhando-se o porto; e, como por alli tinha corrido muito vinho e os estomagos impavam de satisfação, succederam-se os discursos, copiosos uns, outros curtos, comedidos, simplesmente á saude de sua excellencia e de sua excellentissima familia; e o morgado agradecia, cheio d'aquelle nobre parentesco. Quem fallou mais foi o regedor; já pisco, porem, e vacillante, embrulhava as palavras, repetia sempre as mais pomposas, n'uma escassez deploravel de *grandes*. Mas achando subitamente uma imagem brilhante, qual a *comparar* a senhora viscondessa á sua magestade D. Maria tera — unjo regio da esmola — atirou-a como uma bomba e, extenuado, entre applausos.

D'ahi a conversa generalizando novamente. O valente elogiava as olaias plantadas pelo defunto senhor visconde ali defronte, e que eram realmente lindas maio, com a vasta floração côr de mosto. Mas a senhora achava-as muito garridas (se bem que quasi roxas) por um respeito delicado as conservava.

da um apontou a sua arvore predilecta. Para o *carvalho*, «o roble gigantesco»; o alamo

tambem, muito magestoso; um lavrador opinou pela rica oliveira, que dava o azeitinho.

— E arvore modesta, ajudou o mestre-escola.

Então a senhora viscondessa declarou francamente a sua preferencia pelo chorão. Tão tristes, davam tanta ternura...

— Que diz o senhor abbade?

— Eu cá não digo nada, respondeu elle, mirando o porto dourado do seu calix. E logo opinou: — Emfim, parece-me que a cerejeira... Quando bem carregadinha, hein? Ainda ha pouco...

Mas calou-se, embaraçado e pallido, rolando bolinhas de pão na ponta dos dedos magros.

(dos Novos contos)

Recebemos

— Com delicada dedicatória do Snr. Arthur Goulart o seu livro *Petalas*. E' uma collecção de contos, de leitura amena e alegre, já editados na imprensa paulista.

A pequenez d' «A Bohemia» inhiu-nos de dar uma noticia critica das *Petalas*, aliás feita por outras folhas em termos assaz lisongeiros.

— O 1.^o numero da *Revista Azul* bellamente dirigida pelo nosso collaborador Antonio de Oliveira e Francisco de Castro Junior.

— Tres musicas saltitantes editadas pelos Srs. Vieira Machado & C., estabelecidos á Rua dos Ourives, 51, Rio de Janeiro, e... *agradecemos*.

De Poltrona

Após 30 dias de trabalho e fadigas com a creação d' «A Bohemia», repon-sava o Deus Zézé, quando, ao despontar do trigessim primeiro dia, se despertou, inquieto e triste.

Olhou em volta de si, e como o Deus dos crentes, olhou e... ficou a olhar sempre sem ver ninguém.

E após um tempo doudo de contemplação, tendo os olhos a passear pela immensidade infinda desse céu azul, pensou e pensou, como não pensaria o gerico de meu finado avô. E depois de tanto pensar, o seu rosto enristecido se foi illuminando, como se fosse n'um dia de apparecimento d' «A Bohemia».

E o Deus Zézé viu que sua obra era boa toda ella, mas não estava acabada.

E o Deus Zézé viu o que era preciso para concluir sua obra e a fez completa, quando creou esta secção theatral e me fez seu dono.

E vendo que isso era bom, o Deus Zézé descansou novamente, fiado na minha boa vontade e na da leitora que me receberá duas vezes ao mez — só duas vezes! — para contar-lhe o que vae de bom e de notavel pelas casas de espectaculos desta terra, desta «capital artistica», como a classificou n'um momento de entusiasmatica troça e de reconhecimento espectacular a hysterica diva do «RENAISSANCE».

* *

— E, leitor, responde-me, porque motivo não tens vindo ao Polytheama trazer os teu applausos á *troupe* Modena, á excellente *troupe* de que fazem parte, entre outros artistas, a snra. Olga Lugo, o Lotti, e o Drago? Será porque aprecias mais a revista desenxabida e reles d'um Vicente Reis ou a opereta immoral e os can-caus escandalosos do sr. Colás e da sra. Concetta, a um bom drama de comedia fina, representados com arte pelos actores que trabalham na rua Formosa? Dize-me cá, muito baixinho, de modo que mais ninguém ouça a tua confissão e para que não còres... Responde!

— Ora, ahí está, não te atreves a confessar que não tens vindo unicamente porque não comprehendes o italiano e ainda mais, o que não sabes muito os jornaes desta capital artistica, esses teus grandes inimigos, te sabem mostrar que entre uns artistas e uns truões de feira vae uma diferença enorme e que tu em vez de perderes as tuas noites a assistir uns *Pirlimpimpim*, deverias estar a meu lado, esperando a occasião propria para dar palmas aos bons interpretes d'um *Otello*, d'uma *Fernanda*, d'uma *Deuções*!

* *

— No theatro São José trabalha a companhia do theatro Variedades. Antes não trabalhasse companhia de theatro nenhum.

Em que pese ao Peixoto e á Lopicolo, que são dous actores muito aproveitaveis, é uma lastima, mas é uma verdade: a companhia que exhibe no S. José os *Fausto Junior*, *Maçãs d'Ouro*, *Paqueta*, etc., é a demonstração mais flagrante do quanto se tem rebaixado e amesquinhado o theatro nacional que o snr. A. Azevedo tentou e tenta, aliás improficuamente, levantar.

Entretanto, força é dizer, não ha noite em que o snr. Colás e outras mediocridades equivalentes, com as suas momices e palhaçadas, não chamem áquelle casarão do largo Municipal uma quantidade enorme de espectadores que vae alli bestialmente applaudir os saracoteios de quadris e as pilherias indecentes daquelles famigerados artistas.

— No Polytheama: *Dama das Camélias*, *Kean*, *Fedora*, *Tosca*, *Patria*, *Mam'zelle Nitouche*, *Deputado de Bombignac*, *Divorçons*...

Os artistas que interpretam os rôles dessas peças são uns italianos que - eu - jacobino conhecido e feroz - não me tenho fartado de applaudir nas varias representações a que tenho assistido.



A snra. Olga Lugo — a *prima donna* da *troupe* — uma artista de merito incontestavel, no *Divorçons*, na *Fernanda*, na *Patria*, e, deus meu! em quasi todas obras que tem representado, pôde vangloriar-se por se haver sabido conservar, sempre n'uma altura digna da admiração que conseguiu captar da *élite* paulistana.

O snr. Adolpho Drago, que é um *bravo* artista, quando não bastasse o excellent desempenho dado ao *Scurpio* da *Tosca*. tem — para padrão glorioso de seus triumphos e de seu talento — o *Otello*, em que elle se mostrou superior a muitos artistas, a quem a *reclame* tem bafejado.

Lotti e Serafini são por demais conhecidos e

por demais apreciados pelos paulistas para merecerem a recommendação do chronista bohemio.

A Bossi, o velho Falcini, a ingenua Falcini — que na *Fernanda* e na *Deputado de Bombignac* se portou com discrição notavel — a Traversi e os outros actores da *troupe* Modena sabem se conduzir a modo de conservar a reputação da companhia, como uma das que melhor conjunto artistico tem apresentado em theatro do Brazil.

* *

E, leitor, desculpa que a minha chronica — que deveria ser toda leve e d'humor — tenha sahido tão severa como um escripto do Wencesláu ou tão traiçoeira e tão má como o juizo que o autor das *Curiosas* faz do revisor d' «A Bohemia».

Au revoir!

JOHÃO DA EGA.

XXVI - V

Linhaça com mostarda

lêz a Imprensa de Moggy-mirim:

Triste sina

«Foi presa hontem nas ruas desta cidade Maria de tal, vestida de homem, que o delegado de policia conhecia como mulher de João Silva. Examinada na delegacia, reconheceram ser ella homem. Maria declarou, hontem mesmo, que passa a assignar-se Mario».

Não acho extraordinario, Pois que apenas vejo só Haver mudança n'um ó, Que passe *Maria* a *Mario*;

Isto é facto secundario. Mas o que me causa dó, E' ver um triste fadario Ao desfazer-se tal nó.

Entra *Maria* na activa, Livre, o espozó não se queixa, Mas sua mãe não se esquivá

A' negra sorte que a logra, Pois tira-lhe o genro... deixa Toda a peçonha de sogra.

A. Junior.

— Rua João Alfredo, 14 A - Braune & Filho

GREVE DOS VAQUEIROS



— Juca, meu esposo, nossa filha está com fome.

— Hoje não vem leite?...

— Penteado estamos!... Os vaqueiros estão em greve!...



Oh Intendencia, sede clemente!... Nem tanto... nem tão pouco!